

A GRINALDA.

VOL. I. N. 5.

JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 20 DE AGOSTO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deve por-se de permeio,
P'ra suavisar o trabalho,
Adistracção e o recreio.

A GRINALDA Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs: Cardozo & Comp., rua do Ouvidor n.º 94; Passos na mesma rua n.º 152; Teixeira & comp.ª rua dos Ourives n.º 21, a 20000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

IMPERISA.

(ROMANCE)

POR

JOSE ANTONIO DO VALLE.

*Ella, tão só, não podia existir sem
o amor de um poeta.*

V

O AMOR DE UM POETA.

—Em tres horas da tarde.

Brilhava o sol por cima dos vermelhos telhados da cidade; e o sino do Convento de S. Antonio chamava a oração a comunidade dos religiosos de S. Francisco.

Era mister assentar-me na cadeira magistral, em que eu tinha de explicar a sciencia da verdade e do bem — a philosophia — na linguagem de Socrates, modificada pela doutrina de Jesus Christo. Somente nesta hora eu tinha um momento de sossego, podia respirar livremente, enxugar as lagrimas que diariamente vertia, mitigar as minhas afflicções.

existir em fim, porque fora dali a minha existencia corria vaga e incerta como o batedor sem remos e sem velas, em alto mar, ameaçado da tempestade.

Esperei em vão pelos meus discipulos. Nem um n'esse dia me appareceu.

—Os philosophos fizeram *parêde*, e cá não virão hoje mais, disse comigo,

E sahi e dirigi-me ao *mórro do Castello*, para gozar a *viração* que nos entra da barra, ou junto ao telegrapho, ou perto do Convento dos barbadinhos. Involuntariamente achei-me, no fim de um quarto de hora, n'este ultimo lugar.

Missionarios Capuchinhos em um paiz catholico e civilisado! Entre nós, onde cadeiras de theologia e de direito canonico si acham criadas e a muito tempo em exercicio! Em um paiz onde se acham excellentes pregadores, e padres sabios e consciô de seu ministerio! No Brasil, onde se não encontram desseminalados os corruptos vicios e abominaveis ideias que formigão nos povos da Italia, e que tem d'olles feito rebanhos de escravos! Viriam, por desgraça nossa, esses frades ensinar-nos as doutrinas de Jesus Christo? á nós, cujo coração ainda se não poluiu na abnegação dos principios de nossos pais? á nós, que invocamos todos os dias o santo nome de Deus, sem profanal-o com labios hypocritas, e sem cobrir o nosso corpo com grosso burel, para nos entregarmos ao deleite á custa de grossas esmolas que a ignorancia incredula lhes cede? Não podemos deixar de notar o desaire que cabe á nossa terra de um facto tão revoltante e tão contrario á illustração, que temos e que nos tem assignado um grande nome na lista das nações; e ainda mais de perguntar o *porque* de seu consentimento pelo nosso governo. Si os *tacs especuladores* missionarios tivessem sêde e avidez do martyrio, como parecem inculcar, não era razoavel que fossem pregar a palavra de Deus, entre os idolatras e onde as riquezas do ouro lhes não acenasse? Missionar em uma cidade christã, recostados nos leitos de um palacio, á pouco-tempo construido em um dos sitios mais aprasiveis de uma das mais ricas e lindas Capitães da America, é sem duvida um recomendavel serviço á doutrina do *Homem*, Deus que humilde nasceu em um presepe, e andou vagando de monte em monte na pobre e miseravel Judéa, até subir á cruz soffrendo os mais vis ultrajes e affrontas para remir os soberbos da terra e todo o genero humano, que então se achava imergido no lodaçal da impostura dos falsos

prophetas. Missionar em uma cidade Christã, nós o repetimos, oppulenta e de agradável communidade, é um lindo *missionar* e que deve ser muito grato aos olhos do ser Omniscente! E ajuntemos para completar o nosso quadro: o povo que recebe essa missão é um dos mais piedosos da terra, o que sabe melhor cumprir os seus deveres religiosos! Eu o tenho visto curvado nos templos, cheio de união religiosa, e contente sempre nos dias em que se festejam a gloria e o nome do Deos de nossos paes.

Estas reflexões cahiam de minha alma descuidosa sobre os meus labios tambem descuidados. Mas repentinamente lembrei-me do meu anjo, da minha Imerisa.

—Imerisa! mulher cruel! amei-te como te podia amar, e tu me assassinaste, porque eu não existo mais em mim, sou um morto ambulante, a quem fugiu o sentimento da sua existencial...

—E no entanto ella ainda vos ama! exclamou uma voz forte interrompendo as minhas palavras.

Olhei surprehendido para o lado d'onde me vinha a voz, e vi o frade que eu ja conhecia. Havia muito que eu deixara de visitá-lo—desde que lhe havia cumprido a minha promessa. Praticando um sacrificio horroroso, isto é, fazendo feliz e entregando aos braços de sua amante o homem que eu considerava como meu rival, tinha-me resignado á viver alheio á todas as sortes de prazeres, e a renunciar a esperanza da posse da alma (o meu unico bem; e por isso não tinha querido o premio de um serviço que julgava credor de recompensas superiores á todas quantas se podessem imaginar na terra. Eu não tinha querido, que, ou o frade ou a minha doente incognita, me restituissem a minha Imerisa. Senti, em razão disto, uma repugancia notavel com esta visão inesperada.

—Meu reverendo! disse eu com voz fria.

—Pensaveis que não vos procuraria para dar-vos o que vos toca? *O que é de Deos á Deos; e o que é de Cezar á Cezar*, dizia Jesus Christo. E ainda mais; não recommendou o divino Mestre a fraternidade aos seus irmãos peccadores? *In fraterno sunt Christianas gentes*. Imerisa é vossa! e é vossa, porque uma promessa nos une, e vol-a devemos, e é vossa porque ella o quer ser...

—Imerisa minha! seria impossivel! eu a renunciei!

—Meu irmão! disse-me elle tristemente mostrando no rosto uma incredulidade viva. Zombais de mim, sem duvida ou é porque tardei muito em procurar-vos.

—A qualquer hora vinheis sempre cedo. Imerisa não pôde ser minha... ella sorriu para outro... ella teve um pensamento que não era eu... um prazer que não era eu... e deveis saber, que eu sou exclusivista em materias desta natureza.

—Ella não ama a outrem!

—Talvez, meu padre! dispensai-me de dizer mais uma só palavra.

—Em nome do ceo! eu vos conjuro que me digais tudo.

—Tudo?... Imerisa não deve ser minha!... um fado negro, como uma noite horrivel, medonha, de tempestade da minha terra... um anjo tenebroso do inferno!...

—Abrenuntio!

—Um ente abominavel que eu sacara da solidão, que lha restituir ao seio da felicidade, despedaçou, rompeu, destruiu para sempre os laços que me ligavam á Imerisa...

—Injusto! pela minha salvação vos affirmo que ninguem rompeu, nem destruiu tão puros laços...

—Zombais de mim! augmentais a intensidade dos meus soffrimentos querendo illudir-me ou desculpar a perversidade dos outros.

—Bem me custará á trazer-vos ao caminho do senhor, mas escutai-me, é a minha missão e cumpre que eu a satisfaça. A' quem attribuis que o amor de Imerisa se dirige em preferencia ao que vos havia velado.

—Eu me calo!

—E eu de novo insisto! dizei-me o seu nome!

—Meu padre...

—Não vos deixarei sem que m'o digas! Um acto vosso chamou a minha attenção, e o meu reconhecimento, e desde esse dia em que o praticastes a minha vida inteira vos pertence; não vos deixarei, torno a assegurar-vos, sem que veja renascer a confiança que justamente tinheis em um anjo do ceo.

—O amante...

—Sois vos o unico; ella vos adora como si adorasse á Deos.

—O amante da minha doente... elle sorriu para ella... e ella tambem sorriu... e esse sorriso revelava uma intelligencia infernal... o inferno mesmo... todo a arder em minha alma... como si aos precitos fosse dado o ressurgir desse lugar horrifico e um banquete do sangue e de larmas... os attrahisse em conjugal disturbio... era assim a

minha alma no momento em que vi... tudo... parecia que ella assistia á essa festa do averno...

—Irmao! não vos entendo: um olhar de intelligencia? entre quem?

—Entre Imerisa e o amante da minha doente incognita.

—Meu Deos! exclamou o frade elevando as mãos juntas para o ceo; mandai a luz do espirito divino sobre a sua mente perturbada; aclarai-o, e a verdade lhe seja dita pela minha boca. Inclinaí as vossas orelhas á voz de um ministro do Senhor.

—Estou sceptico como esses loucos gregos que oravam pelas esquinas e praças da pueril Athenas, e que não queriam acreditar que fallavam e que o povo os ouvia.

—Deixai-vos disto. *Tempora mutanda et nos mutamur in illis*. Os gregos lá se foram, e o scepticismo cahio assim como hade cahir todo o turbilhão de erros dos homens diante da verdade de Deos, pregada pelos apóstolos de Jesus Christo. *Veritas Dei ab eterno tempore manet*. Inclinaí as vossas orelhas ás palavras de um servo de Deos, e ouvi-as verdades eternas.

—Fallai, meu padre.

—O homem prevenido, e com a alma cheia das cousas do mundo, bem mal pode julgar das acções dos outros. O conhecimento das intenções só é dado a aquelle que nos creou e pode de um momento para outro reduzir-nos a nada. Uma apparencia engana, como uma pequena luz levantada no cimo de uma ermida-sinha edificada sobre um môro, lá bem ao longe em noite escura ameaçada de tempestade; por mais que caminhemos, sempre a distancia, que d'ella nos separa, nos parece a mesma.

—Eis fim...

—Julgastes erradamente. Imerisa, a quem hoje conheço, é um ente puro, fiel, e digno da singelesa da vossa alma. Sois injusto; deveis uma reparação á sua virtude.

—Eu tudo vi...

—Foi sem duvida o demonio, que vos tentou a acreditar em uma ideia má. Meu filho, é arduo o caminho que nos leva á felicidade e ao nosso fim, mas importa-nos somente dar os primeiros passos para elle. Deos nos ajuda depois o nos guia mesmo pela mão com carinho e paternal sorriso. E' mister, porem, para que esse passo seja bem dado, que afastemos os entraves dos nossos odios e prevenções com o proximo, que lavemos nossa alma da impureza dos falsos juizos, que sejamos bons, prudentes, e compassivos.

—Eu consumei um sacrificio, e o segundo — o de esquecer-a — lutarei para poder excental-o; terei então expurgado o meu coração do predominio das paixões, e caminharéi para a felicidade.

—Todos os dias, todas as horas, todos os instantes, uma voz vos gritará internamente — *injusto!* — será a voz do remorso.

—A minha consciencia de nada me accusa...

—Pois bem: ate a manhã; esta noite o vossó anjo da guarda vos sussitará sonhos horroreos; gritareis e me não achareis então, porque estarei dormindo em minha cella, ou velarei á cabeceira de um moribundo.

Um tremôr convulsivo appareceu em meus musculos, e um frio, rapido como a materia electrica, começou a correr pelo interior dos meus ossos. Minha mãe creou-me contando-me legendas, e mil contos de almas do outro mundo; eu tenho medo de sonhos maos, e ainda penso que me seria impossivel dormir sozinho em uma dessas cazas, que a voz do povo denomina *assombradas* —; morreria si n'ellas ouvisse um gemido, talvez mesmo um ruido qualquer. A nossa imaginação é tão fertil de enganos, tão caprichosa em figurar nos aquillo que tememos! Eu estava tão fraco, á dias que meu alimento diario era tres ou quatro chicharas de caffè, e tão perturbada andava a minha mente, que eu acreditei logo que sonharia aquella noite.

—Meu padre, tendes a prova da innocencia de Imerisa?

—Tenho: é a sua virtude. Tão angelica como os seraphins...

—Basta. E o seu sorriso?

—Era o sorriso da beneficencia. Elle lá vem, de tudo vos informará.

E com effeito o moço que eu arrancara da solidão da gruta da *praia pequena da Jurujuba* subia pelo trilho que se vê juncto ao *deposito da polvora*, e para nós se dirigia. Eu não quizeria vê-lo, mas n'essa occasião o frade me tinha despertado uma ideia que muito me interessava. A' pezar de meus arrufos com Imerisa desejara bem achal-a innocente! — era para mim uma curiosidade fagueira, que me lisonjeava, e que como nem uma outra merecia o sacrificio de satisfazer-a. —

Nós nos comprimentámos como si mutuamente anciosos nos procurassemos.

—E a prova? exclamei eu dirigindo-me ao recém-chegado.

O frade lançou um olhar de intelligencia ao moço, e elle procurando-mo apertar a mão, disse:

— Como fostes injusto! mal poderia eu prevêr que alegrando-me ao vêr a bemfeitora da minha mãe, vos cauzaesse tamanha dôr, o mesmo uma separação tão desastrosa entre duas almas que...

— A bemfeitora de vossa mãe? contai-me...

— Tudo, senhor! Sou hoje tão feliz! E bem sabeis, que tudo vos devo...

— Contai-me, por piedade.

— Nós fomos morar junto á casa de D. Inerisa, e poucos dias depois de nossa estada ahi, eu e meu pae fizemos uma viagem á Petropolis, deixando ao cuidado de uma escrava, minha mãe já alcançada em annos. Em nossa ausencia a escrava fiel fugiu, e deixou minha mãe enferma e mais afflicta de dia em dia por se vêr desolada. Deos porem que em todas as occasiões de afflições nos manda sempre allivio, enviou-lhe então um anjo...

— Foi Inerisa! exclamou o frade entusiasmado.

— Ella não deixou um instante a sua protegida, continuou o moço: o medico, os medicamentos, e mais que tudo, os cuidados de uma filha dedicada, nada lhe faltou — ella foi a sua enfermeira, e d'ahi por diante a sua amiga. Quando chegamos, meu pae chorou de reconhecimento e de alegria — e eu tambem chorei confundido por vêr tanta piedade em quem não conheciamos. Tentamos pagar as despesas do medico, e da botica: — tudo estava pago antes; respondeu-s-nos que nada deviamos. Alegres e felizes pela sua piedade, choramos o pranto do reconhecido, e ella vendo-o nos deixou sós.

— Não quiz o reconhecimento, disse o frade, como esses vaidosos do mundo, que fazem beneficios á troca do louvores.

— Passa um-se mezes, continuou o moço; e minha mãe cahio de novo doente. Nós tornámos a vê-la, a nossa protectora, na cabeceira do leito de minha mãe, tão sollicita, tão cheia de cuidados; e o restabelecimento da saúde appareceu, como por encanto, debaixo de seus olhos. Apenas minha mãe ficou bôa, ella nos não visitou mais.

— Era como a estrella da beneficencia! bradou o frade.

— Veio a epidemia da *escarlatina*, um mez depois; e eu e meu pai cahimos affectados da terrivel molestia. Minha mãe felizmente esteve bôa e cuidou de nós, mas teve uma companheira...

—Era sem dúvida Imerisa! a mulher divina, disse o frade alevantando os olhos para o ceo.

—E nós, durante o tempo de nossa molestia, não recebemos dinheiro,—os nossos antigos amigos nos não visitaram, não tivemos quem nos cobrasse os nossos ordenados, mas nada nos faltou... Como o anjo do bem, aquella virgem apparecia-nos só nos momentos da dôr, para trazer-nos lenitivos celestes; como mensageira da felicidade ella espalhava sobre nós os inapreciaveis dons do ceo, e nos deixava quando eramos felizes. E sempre nos vedava o prazer do reconhecimento! Havia bem mezes que a não via, quando passei comvosco por sua caza e meus olhos tiveram a fortuna de encontral-a; era bem natural que me alegrasse ao vê-la.

—Ella sorrio-se, não é verdade? perguntei-lhe eu.

—Talvez; mas eu não me lembro disso, disse o moço com expressão ingenua; estinaria tanto que ella se sorrisse para mim!

—Era o sorrir de um anjo! exclamou ainda o frade.

Estas ultimas palavras disserão tantas cousas á minha alma! Revoltei-me contra mim mesmo! Si era verdade, como ja me dispunha acreditar, a innocencia da minha linda flor do paraizo, porque não tinha eu gosado os dulcificos aromas de suas petalas, porque não tinha eu gosado o nectar de seu calix verde-sinbro, e me embriagado com elle? Mas eu me lembrei ao mesmo tempo do seu cruel desprezo, do desprezo que me deixara só no mundo, e sem existencia.

—Cruell injusta! deixou-me só na minha solidão.

—E a não desprezaste tambem? perguntou-me o frade; não a tens feito derramar as lagrimas do amor e da saudade?

—Ella chora? perguntei eu ansioso; ella tem saudades de mim?

—Chora por vós, continuou o frade, ardendo em mudo arrependimento desde que soube, desde que lhe eu contei que a *moça da igreja* vos devia a felicidade de que goza hoje. Narrou-me as vossas virtudes enthusiasmada, e derramando copioso pranto: Ainda hontem a vi; temi tanto pelo seu estado! o ainda hoje temo! si soubesseis!...

—Não prosequi, meu padre; eu quero vê-la; si fosse eu a cauza de seus males! si ella chorasse por mim! somentel mas alegrase tantas vezes ao lado dos outros; tantas vezes se esquece de mim!

—Só se distrahe quando faz bem, disse o moço.

— A sua piedade!... exclamou o frade.

— Vamos; eu quero vê-la sem demora, disse eu caminhando apressado e tomando pela ladeira do Seminário. Elles me seguiram.

Quando chegámos á casa de Imerisa estava dando oito horas na torre da Igreja de S. Francisco de Paula.

Entramos: nós fomos conduzidos á sala de visitas, onde ella se achava, sentada e recostada no piano, chorando... Eu não sei o que fiz então; mas lembra-me ainda hoje bem, que ella me deu um juramento, e sei que ella guarda outro que me disse ter-lhe eu dado n'esse instante.

O momento do encontro, da reconciliação, o momento em que uma nova vida reappareceu para mim, tão linda, tão cheia de galas como uma aurora, uma manhã da nossa terra, é hoje festejado em nossa casa com summa e extraordinaria alegria. O nosso amor, perfeito e duravel como a perpetua, a flor que emblema a duração do homem, não tem sido ate hoje perturbado nem profanado por mesquinhas considerações da terra.

Vivemos tão felizes!

O seu amor é uma rosinha, de calix verde significando a esperança do ceo, de pétalas rubra-zinhas como o fogo da alampada que allumia o sacrario do templo do Senhor, de estames contendo um polen dourado como as azas dos vaporosos mensageiros dos decretos divinos, de ovários irmãos vivendo em commun no fundo das paredes do calix como os Serafins vivem sempiternamente no empyreo descansando no seio de Deos.

O seu amor! — é o amor de um anjo!

O meu amor é todo chamma, é como o volcão de Cotopaxi, ardendo em fogo e labaredas, e derramando lavas inflamadas! É a unica paixão que me devora, que me consome e que absorve toda a minha vida. O ciúme o acompanha e torna-me ás vezes insuportavel á mim mesmo. Conheço mil vezes que Imerisa é minha só minha... e no entanto temo a cada instante por ella; cada gesto seu, cada palavra, e em fim cada um seu aceno é para mim motivo de horriveis soffrimentos. O meu amor quer que Imerisa deixe de ter um ser distincto de mim, para tornar-se eu mesmo; mas ainda assim quem sabe?...

O meu amor é—o amor de um poeta.

FIM.

VAI A QUEM TOCA.

—Porque a certo poeta
Chamarão namorado?..
—Porque n'uns versos que fez
Se encontra a palavra—amor.—

—Mas não é isso razão,
Acode *Frei justiceiro*,
Pode-se fallar em ferro
Sem com tudo ser ferreiro.

E que tal, minha senhora?... não acha razão no tal homem de justiça?... V. S. que é toda *penetração*, que tem tanta perspicácia, que advinha o character de cada qual pelos seus mais simples escriptos?.....

B. J. B.

CARTA

A *Illm. Sra. D. Marucas da Restinga*

Meus profundos respeitos á V. S. cordialmente envio. E' ousadia, eu conheço, passar ás mãos de V. S. as minhas lettras; mas permita-me que assim o faça em abono do meu credito.

Criticou-me a minha filha, a dilecta e prezada do meu coração; — a minha filhinha que amamentei tão cuidadoso em horas de amarguras. Quando eu, em outra terra que não era a minha, chorava afleições da patria, e procurava alguma couza que me fosse cara, lembrei-me de produzir a minha filha; dei-lhe um berço-sinho de rozas no meu peito, e enbalei-a com o sopro da minha alma; ella sorriu-se para mim, e eu me surri para ella. Tão pequenina, tão linda como ella mesma, era todo o meu existir; viveu commigo, chamando-me sempre de pae, horas bem felizes; e eu sem outro cuidar, vivi com ella um tempo tão curto! Veio porem uma noite de tempestade: eu as vezes amo o horrivel! esqueci-me d'ella — um só momento — e ella definhou — morreu, na minha ausencia; ao lembrar-me, e ao vê-la assim, chorei tao

triste—e o meu pranto cahio sobre ella, e ella se mudou em uma flor tão linda!

Acha razão em critical-a? minha senhora.

Eu não sabia que nome lhe havia de dar! chamon-a V. S.—festão de malme-queres pallidos—e eu ainda assim gosto d'ella!—é a minha filhinha!—

Onde havia collocar-a? no cemiterio? não tive animo para isso. Colloquei-a n'uma — Grinalda—. Talvez fosse esse todo o meu erro; e si o foi porque me não desculpou V. S.?

Os Paes amão tanto á seus filhos, querem-lhes tanto bem!

Imerisa—é um festão de malme-queres pallidos, mas eu confesso que sua mãe é a virtude. Aborreço tanto a vaidade!

Não bastava ao meu coração o sentir a dôr de sua filhinha, veio ainda um amargo pesar juntar-se-lhe impiedoso.

Eu tenho um filho, já adulto, que muita gente conhece:—é o *Corsario*, cujo nome espanta, mas de uma indole que não é para se desprezar. Coitadinho d'elle! Foi vitima dos caprichos de V. S. Si o conhecesse, si fallasse com elle, havia de mudar de opinião! E' tão natural, e bem diverso do que V. S. d'elle pensa!

E' fado meu soffrer pelos meus filhos; e é tão justo soffrer que não me quero queixar.

Estimo os escriptos de V. S. e é cheio de prazer que a vejo advogar os direitos de seu sexo—do mais amavel dos sexos. Folgara de o ver em sua verdadeira posição, illustrado, e partilhando connosco os gozos que em parte lhe devemos. Si me julgar capaz de cooperar para tão grande obra, conte connigo.

E' com a maior honra que me assigno.

De V. S.—humilde creado.

José Antonio do Valle.

O AMOR.

1.

E' impossivel viver
Isempto do Deos vendado,
Da vida o agro cuidado
Faz amor apetecer;
Não gozar os seus encantos
Fôra melhor não viver.

2.

Quem possui um coração
Capaz de Deos adorar,
Oh! forçosamente um anjo
Neste mundo deve amar;
Não fazel-o, e não viver,
E' feneccer, definhar.

3.

Procuramos sobre a terra
O bem que nem sempre dura,
N'um amizade sincera
Se cifra toda a ventura;
Que mais quer quem tem de seu
Amor, caricias, ternura?.....

4.

Não invejo altas riquezas
Que á ambição corrôe devora,
Eu gozo meigos affagos
Em quanto ella ao fado implora,
E se eu me creio feliz,
Sua sorte ella deplora.

5.

Diga, o misero avaro,
De que lhe serve a riqueza?
Amor, doçura, amizade
Eis do mundo a realeza,
Para gozar estes bens
Antes viver na pobreza.

6.

E' difficil encontrar
Sacro-santo e puro amor,
Mas aquelle que o achar
E' guardal-o com fervor,
Pois as venturas do mundo
Se cifrao todas no amor

B. J. B.

O RETRATO DE MARILIA:

Nada se pode igualar
A tão grande formozura;
Seu lindo corpo bem feito
Tem delicada cintura.

De sua esbelta cabeça
Caldo lindo cabello louro,
Sobre seus hombros tão alvos
Parecem fios de ouro.

Sens. lindos olhos azues
Brilham na testa elegante,
Como brilha sobre o ouro
O mais rico diamante.

As bellas faces redondas
Tem bonita cor de roza,
Sua bocca he pequenina
Porém bem feita e mimosa.

Entre dois formozos beijos
Se ve dentes delicados
Mais claros do que a neve,
Bonitos e engraçados.

A sua voz he tão doce
Que me recreia e encanta,
He tão meiga e tão suave
Quem de ouzila não s'espanta?

De seus hombros d'alabastro
 Pendem braços torneados
 Onde amor achar de-a já
 O premio dos meus cuidados.

Suas mãos tão delicadas
 Com seus dedinhos mimosos
 Hão de tornar-me algum dia
 Um dos mortaes mais ditosos.

Todo o resto do seu corpo
 He da mesma perfeição,
 E me faz nutrir no peito
 A mais ardente paixão.

Compassiva ao meu amor
 Debalde intento faze-la!
 Quero ganhar-lhe a affeição
 Mas não posso merecê-la.

Maia.

—ESCRIPTO CURIOSO.—

Para que uma Senhora seja perfeita em belleza deve possuir as trinta qualidades seguintes, a saber: Trez coisas brancas: a pelle, os dentes e as mãos. Trez pretas: os olhos, as pestanas, e as sobrancelhas. Trez vermelhas: os beiços, as faces, e as unhas. Trez longas: o corpo, as mãos, e os cabellos. Trez curtas: os dentes, as orelhas, e os pés. Trez largas: o peito, a testa, e as palpebras dos olhos. Trez estreitas: a bocca, a cintura, e a planta do pé. Trez grossas: os braços, as nadegas, e a barriga das pernas. Trez finas: os dedos, os cabellos, e os beiços. Trez pequenas: os seios, o nariz, e a cabeça.

ANECDOTAS.

Um homem estando doente fez-se-lhe junta, e o assistente disse-lhe: « Para nós conhecer-mos o estado do seu pulmão veja se dá um assubio. » *Isso é o que vöces todos merecem,* respondeu o doente.

Achando-se gravemente enfermo um homem de consideração, veio o seu confessor, a quem elle consternado disse: Se Deus me quizesse dar vida até eu pagar as minhas dividas, que consolação não seria a minha, meu Padre! . . O confessor enternecido respondeu-lhe para o animar: é natural que Elle vos prolongue a vida para um tão Santo fim. O doente então, como respirando exclamou: Ah, meu Padre se isto é assim, eu creio que vou ser immortal.

Quando Elrei D. João VI chegou ao Rio de Janeiro, o primeiro ministro do Reino sendo visitado por um Official militar de alta graduação:

—D'onde vindes? lhe perguntou.

—Da Capitania de Minas Geraes, respondeu o Official.

—Quantos dias de viagem trouxe o navio em que viestes?

O Official ri-se, e o ministro enfiou, de tal modo que foi preciso que aquelle lhe declarasse que Minas era uma Capitania central do Brazil.

Uma senhora que se presumia muito de seus conhecimentos vastos em geographia, e que era tida por insigne modista, sendo consultada no *Salão da Floresta*, por algumas jovens suas companheiras, onde se deveriam mandar buscar os mais bellos figurinos, respondeu:

—Nas provincias não! porque nós as brasileiras é que somos as mestras das provincianas.

CHARADAS.

1.

Aquelle a quem eu devo esta existencia
 Já os fados tyrannos me roubarão —1
 Os homens neste . . . o sepultarão
 Sem temerem dos vermes a inclemencia —1

Mal sabia, meu bem, o que era amor
 Antes de apreciar o teu semblante,
 E possuindo um coração amante
 Jamais eu desfructei esse sabor;

Acceso agora em fogo abrasador
Arde este peito meu a todo o instante
Faz-me esta chamma louco. . . delirante,
Esta chamma que so explica—amor—

Oh casto coração, oh alma nobre,
E's para mim, que nunca me desdigo
A mais bella das bellas que o Céo cobre!

E's um Anjo, meu bém, eu te hemdigo
Encarando a modestia que te encobre
Nada se pode comparar contigo!

2.

Sem mim ninguém puderia
Neste Mundo apparecer—1
Pois quanto nelle se gera
Tudo em mim faço conter—1

Tiro aquelle aonde estou
A vontade de comer,
Até faço algumas vezes,
Creaturas perecer.

3.

Dobrada dá-se as creanças—1
Esta ás creanças se dá—2

Igual á creança está.

Explicação das Charadas do n.º 4,—1.ª Semente—2.ª Lo-
eria.

**O Editor pede desculpa pela demora da fo-
lha, e juntamente participa aos Srs. assignan-
tes que não sahirá no proximo Domingo.**

RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DE M. J. CARDOZO & C.
Rua do Ouvidor n.º 91.